

ALTERAÇÃO AO ESTATUTO DA
CARREIRA DO PESSOAL DOCENTE
DA EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR E DOS
ENSINOS BÁSICO E SECUNDÁRIO

SEGUNDA VERSÃO

AGOSTO DE 2006

Foram ouvidos os órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas e observados os procedimentos decorrentes da Lei nº 23/98, de 26 de Maio.

Assim:

No desenvolvimento da Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo), alterada pelas Leis nºs 115/97, de 19 de Setembro, e 49/2005, de 30 de Agosto, e nos termos da alínea c) do nº 1 do artigo 198º da Constituição, o Governo decreta, para valer como lei geral da República, o seguinte:

CAPÍTULO I DISPOSIÇÕES GERAIS

Artigo 1º

Objecto

O presente decreto-lei altera o Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei nº 139-A/90, de 28 de Abril, alterado pelos Decretos-Lei nºs 105/97, de 29 de Abril, 1/98, de 2 de Janeiro, 35/2003, de 17 de Fevereiro, 121/2005, de 26 de Julho, e 229/2005, de 29 de Dezembro, bem como o regime jurídico da formação contínua de professores, aprovado pelo Decreto-Lei nº 249/92, de 9 de Novembro, alterado e republicado pelo Decreto-Lei nº 207/96, de 2 de Novembro, modificando algumas regras de enquadramento funcional e estatutário da função docente.

Artigo 2º

Alteração ao Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário

Os artigos 1º, 2º, 4º, 5º, 8º, 9º, 10º, 11º, 12º, 13º, 14º, 15º, 17º, 22º, 23º, 25º, 26º, 27º, 28º, 30º, 31º, 32º, 34º, 35º, 36º, 37º, 38º, 39º, 40º, 41º, 42º, 43º, 44º, 45º, 46º, 47º, 48º, 49º, 54º, 56º, 57º, 59º, 60º, 61º, 62º, 63º, 64º, 65º, 66º, 67º, 68º, 69º, 71º, 72º, 73º, 74º, 76º, 77º, 78º, 79º, 80º, 82º, 84º, 85º, 86º, 87º, 91º, 94º, 100º, 101º, 102º, 108º, 109º, 110º, 111º, 132º e 133º, todos do Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei nº 139-A/90, de 28 de Abril, alterado pelos Decretos-Lei nºs 105/97, de 29 de Abril, 1/98, de 2 de Janeiro, 35/2003, de 27

de Fevereiro, 121/2005, de 26 de Julho e pelo Decreto-Lei n.º 229/2005, de 29 de Dezembro, passam a ter a seguinte redacção:

“ Artigo 1º

Âmbito de aplicação

1. O Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, adiante designado por Estatuto, aplica-se aos docentes, qualquer que seja o nível ou ciclo de ensino, grupo de recrutamento ou especialidade, que exerçam funções nas diversas modalidades do sistema de educação e ensino não superior, e no âmbito dos estabelecimentos públicos de educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário na dependência do Ministério da Educação.
2. O presente Estatuto é aplicável, com as necessárias adaptações, aos docentes em exercício efectivo de funções em estabelecimentos ou instituições de ensino dependentes ou sob tutela de outros ministérios.
3. Os professores do ensino português no estrangeiro, bem como os docentes que se encontrem a prestar serviço em Macau ou em regime de cooperação nos países africanos de língua oficial portuguesa ou outros regem-se por normas próprias.
4. Em tudo o que não esteja especialmente regulado e não contrarie o disposto no presente Estatuto e respectiva legislação complementar, são aplicáveis, com as devidas adaptações, as disposições constantes da legislação geral da função pública.

Artigo 2º

Pessoal docente

Para efeitos de aplicação do presente Estatuto, considera-se pessoal docente aquele que é portador de qualificação profissional para o desempenho de funções de educação ou de ensino, com carácter permanente, sequencial e sistemático, ou a título temporário, após aprovação em prova de avaliação de conhecimentos e de competências.

Artigo 4º

Direitos profissionais

1.

2.

a);

b);

c);

d);

e) Direito à consideração e ao reconhecimento da sua autoridade pelos alunos, suas famílias e demais membros da comunidade educativa;

f) Direito à colaboração das famílias e da comunidade educativa no processo de educação dos alunos.

Artigo 5º

Direito de participação no processo educativo

1. O direito de participação exerce-se no quadro do sistema educativo, da escola e da relação com a comunidade.

2. O direito de participação, que pode ser exercido a título individual ou colectivo, compreende:

a) O direito a emitir opiniões e recomendações sobre as orientações e o funcionamento do estabelecimento de ensino e do sistema educativo;

b) O direito a participar na definição das orientações pedagógicas ao nível do estabelecimento de ensino ou das suas estruturas de coordenação;

c) O direito à autonomia técnica e científica e à liberdade de escolha dos métodos de ensino, das tecnologias e técnicas de educação e dos tipos de meios auxiliares de ensino mais adequados, no respeito pelo *currículum* nacional, pelos programas e pelas orientações programáticas curriculares ou pedagógicas em vigor;

d) O direito a propor inovações e a participar em experiências pedagógicas, bem como nos respectivos processos de avaliação;

e) O direito de eleger e ser eleito para órgãos colegiais ou singulares dos estabelecimentos de educação ou de ensino, nos casos em que a legislação sobre a sua gestão e administração o preveja.

3. O direito de participação pode ainda ser exercido, através das organizações profissionais e sindicais, em órgãos que, no âmbito nacional, regional autónomo ou regional, prevejam a representação do pessoal docente.

Artigo 8º

Direito à segurança na actividade profissional

1.

a) À prevenção e redução dos riscos profissionais, individuais e colectivos, através da

adopção de programas específicos dirigidos à melhoria do ambiente de trabalho e promoção das condições de higiene, saúde e segurança dos postos de trabalho;

b) ...

2.

Artigo 9º

Direito à consideração e à colaboração da comunidade educativa

1. O direito à consideração exerce-se no plano da relação com os alunos, as suas famílias e os demais membros da comunidade educativa e exprime-se no reconhecimento da autoridade em que o docente se acha investido no exercício das suas funções.

2. O direito à colaboração das famílias e dos demais membros da comunidade educativa compreende o direito a receber o seu apoio e cooperação activa, no quadro da partilha entre todos da responsabilidade pelo desenvolvimento e pelos resultados da aprendizagem dos alunos.

Secção II

Deveres

Artigo 10º

Deveres gerais

1. O pessoal docente está obrigado ao cumprimento dos deveres estabelecidos para os funcionários e agentes da administração pública em geral.

2. O pessoal docente, no exercício das funções que lhe estão atribuídas nos termos do presente Estatuto, está ainda obrigado ao cumprimento dos seguintes deveres profissionais genéricos:

- a) Orientar o exercício das suas funções pelos princípios do rigor, da isenção, da justiça e da equidade;
- b) Orientar o exercício das suas funções por critérios de qualidade, procurando o seu permanente aperfeiçoamento e tendo como objectivo a excelência;
- c) Colaborar com todos os intervenientes no processo educativo, favorecendo a criação de laços de cooperação e o desenvolvimento de relações de respeito e reconhecimento mútuo, em especial entre docentes, alunos, encarregados de educação e pessoal não docente;
- d) Actualizar e aperfeiçoar os seus conhecimentos, capacidades e competências, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida, de desenvolvimento pessoal e profissional e de aperfeiçoamento do seu desempenho;

- e) Participar de forma empenhada nas várias modalidades de formação que frequente, designadamente nas promovidas pela administração, e usar as competências adquiridas na sua prática profissional;
- f) Zelar pela qualidade e pelo enriquecimento dos recursos didáctico-pedagógicos utilizados, numa perspectiva de abertura à inovação;
- g) Desenvolver a reflexão sobre a sua prática pedagógica, proceder à auto-avaliação e participar nas actividades de avaliação da escola;
- h) Conhecer, respeitar e cumprir as disposições legais sobre educação e o projecto educativo da escola, cooperando com as entidades administrativas para garantir a prossecução dos objectivos estabelecidos e a maior eficácia da política educativa, no interesse dos alunos e da sociedade;

Artigo 11º

Formação do pessoal docente

1. A formação do pessoal docente desenvolve-se de acordo com os princípios gerais constantes do artigo 33º da Lei de Bases do Sistema Educativo, competindo ao Ministro da Educação o respectivo planeamento, coordenação e avaliação global.

2.

Artigo 12º

Modalidades da formação

A formação do pessoal docente compreende a formação inicial, a formação especializada e a formação contínua, previstas, respectivamente, nos artigos 34, 36º e 38º da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Artigo 13º

Formação inicial

1. A formação inicial dos educadores de infância e dos professores dos ensinos básico e secundário é a que confere qualificação profissional para a docência no respectivo nível de educação ou de ensino.

2. A formação pedagógica dos licenciados titulares de habilitação científica para a docência no ensino secundário, bem como dos titulares de cursos de licenciatura adequados à docência das disciplinas de natureza profissional, vocacional ou artística dos ensinos básico ou secundário, constitui uma modalidade de formação inicial nos termos previstos no artigo 34º da Lei de Bases do Sistema Educativo.

3. A formação inicial visa dotar os candidatos à profissão das competências e conhecimentos científicos, técnicos e pedagógicos de base para o desempenho profissional da prática docente nas seguintes dimensões:

- a) Profissional e ética;
- b) Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem;
- c) Participação na escola e relação com a comunidade;
- d) Desenvolvimento profissional ao longo da vida.

Artigo 14º
Formação especializada

A formação especializada visa a qualificação dos docentes para o desempenho de funções ou actividades educativas especializadas e é ministrada nas instituições de formação a que se refere o nº2 do artigo 36º da Lei de Bases do Sistema Educativo.

Artigo 15º
Formação contínua

1. A formação contínua destina-se a assegurar a actualização, o aperfeiçoamento, reconversão e o apoio à actividade profissional do pessoal docente, visando ainda objectivos de desenvolvimento na carreira e de mobilidade nos termos do presente Estatuto.
2. A formação contínua deve ser planeada de forma a promover o desenvolvimento das competências profissionais e práctico-pedagógicas do docente.

Artigo 17º
Princípios gerais

1. O concurso é o processo de recrutamento e selecção normal e obrigatório de pessoal docente para nomeação em lugar do quadro de ingresso ou acesso.
2. O regime do concurso para pessoal docente rege-se pelos princípios reguladores dos concursos na Administração Pública, nos termos e com as adaptações previstas no diploma regulamentar a que se refere o artigo 24º.

Artigo 18º

(Revogado)

Artigo 19º
(Revogado)

Artigo 20º
(Revogado)

Artigo 21º
(Revogado)

Artigo 22º
Requisitos gerais e específicos

1. São requisitos gerais de admissão a concurso de provimento:
 - a) (Revogado);
 - b) Possuir qualificação profissional para a docência no nível de ensino e grupo de recrutamento a que se candidatam, nos termos do artigo 34º da Lei de Bases do Sistema Educativo;
 - c)
 - d)
 - e)
 - f) Obter aprovação em prova nacional de avaliação de conhecimentos e competências.
2.
3. A existência de deficiência física não é impedimento ao exercício de funções docentes se e enquanto for compatível com os requisitos exigíveis para o exercício de funções no grupo de recrutamento do candidato ou do docente, nos termos de adequado atestado médico.
4.
5. A verificação dos requisitos físicos e psíquicos necessários ao exercício da função docente e da existência de alcoolismo ou de toxicodependências de qualquer natureza é realizada por médicos credenciados para o efeito pelas direcções regionais de educação.
6. A existência de alcoolismo ou de toxicodependências comprovados nos termos do número anterior, constitui motivo impeditivo do exercício da função docente pelo período de dois anos.

7. A prova de avaliação de conhecimentos e de competências prevista na alínea f) do nº 1 visa demonstrar o domínio dos conhecimentos e das competências exigidas para o exercício da função docente, na especialidade da respectiva área de docência, e é organizada segundo as exigências da leccionação dos programas curriculares da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário.

8. As condições de candidatura e de realização da prova de avaliação de conhecimentos e competências são fixadas por portaria do Ministro da Educação.

Artigo 23º

Verificação dos requisitos físicos e psíquicos

1. A verificação de alteração dos requisitos físicos e psíquicos necessários ao exercício da função docente e da existência de alcoolismo ou de toxicodependências de qualquer natureza é realizada pela junta médica regional do Ministério da Educação.

2.

3.

4. Para verificação das condições de saúde e de trabalho do pessoal docente realizar-se-ão acções periódicas de rastreio, da competência de médicos credenciados pelas direcções regionais de educação, aprovadas anualmente pelo órgão de direcção executiva da escola.

CAPÍTULO V

QUADROS DE PESSOAL DOCENTE

Artigo 25º

Estrutura

1. Os quadros de pessoal docente dos estabelecimentos de educação ou de ensino públicos estruturam-se em:

- a) Quadros de agrupamento de escolas;
- b) Quadros de escola não agrupada;
- c) Quadros de zona pedagógica.

2. Os quadros de pessoal docente dos estabelecimentos de educação e ensino abrangidos pelo presente diploma fixam dotações para a carreira docente, discriminadas por nível ou ciclo de ensino, grupo de recrutamento e categoria, consoante o caso, de modo a conferir maior flexibilidade à gestão dos recursos humanos da docência disponíveis.

3. Todas as referências feitas a escolas ou a estabelecimentos de educação ou de ensino, constantes do presente diploma, reportam-se sempre ao agrupamento de escolas ou a escolas não agrupadas, consoante o caso, salvo referência em contrário.

Artigo 26º

Quadros de agrupamento e quadros de escola não agrupada

1. Os quadros de agrupamento de escolas, bem como os quadros das escolas não agrupadas destinam-se a satisfazer as necessidades permanentes dos respectivos estabelecimentos de educação ou de ensino.

2. A dotação de lugares dos quadros de agrupamento ou dos quadros de escola, discriminada por ciclo ou nível de ensino e grupo de recrutamento e categoria, é fixada por portaria conjunta dos Ministros de Estado e das Finanças e da Educação.

3. A dotação dos lugares da categoria de professor titular não pode exceder, por quadro de agrupamento ou de escola não agrupada, um terço do número total de lugares do respectivo quadro.

Artigo 27º

Quadros de zona pedagógica

1. Os quadros de zona pedagógica destinam-se a facultar a necessária flexibilidade à gestão dos recursos humanos no respectivo âmbito geográfico e a assegurar a satisfação de necessidades não permanentes dos estabelecimentos de educação ou de ensino, a substituição dos docentes dos quadros de agrupamento ou de escola, as actividades de educação extra-escolar, o apoio a estabelecimentos de educação ou de ensino que ministrem áreas curriculares específicas ou manifestem exigências educativas especiais, bem como a garantir a promoção do sucesso educativo.

2.

- a)
- b)
- c)

3. O âmbito geográfico dos quadros de zona pedagógica e a respectiva dotação de lugares, a definir por ciclo ou nível de ensino e grupo de recrutamento são fixados por portaria conjunta dos Ministros de Estado e das Finanças e da Educação.

Artigo 28º
Ajustamento dos quadros

A revisão dos quadros de pessoal docente é feita por despacho conjunto dos Ministros das Finanças e da Educação ou por despacho do Ministro da Educação, consoante dessa alteração resulte ou não aumento dos valores totais globais.

Artigo 30º
Nomeação provisória

O primeiro provimento em lugar do quadro reveste a forma de nomeação provisória e destina-se à realização do período probatório.

Artigo 31º
Período probatório

1. O período probatório destina-se a verificar a capacidade de adequação do docente ao perfil de desempenho profissional exigível, tem a duração de um ano escolar, e é cumprido no estabelecimento de educação ou de ensino onde aquele exerce a sua actividade docente.
2. O período probatório corresponde ao primeiro ano no exercício de funções em categoria de ingresso da carreira docente.
3. O período probatório do docente é acompanhado e apoiado, no plano pedagógico e científico, por um professor titular do grupo de recrutamento ou área disciplinar respectiva, detentor, preferencialmente, de formação especializada em área de organização educacional e desenvolvimento curricular, supervisão pedagógica e formação de formadores e com avaliação de desempenho igual ou superior a Bom no ano imediatamente anterior, a

designar pelo coordenador do departamento curricular ou do conselho de docentes respectivo.

4. Compete ao professor titular a que se refere o número anterior:

- a)** Apoiar a elaboração e acompanhar a execução de um plano individual de trabalho para o docente em período probatório que verse as componentes científica e pedagógica;
- b)** Apoiar o docente em período probatório na preparação e planeamento das aulas, bem como na reflexão sobre a respectiva prática pedagógica;
- c)** Avaliar o trabalho individual desenvolvido;
- d)** Elaborar relatório circunstanciado da actividade desenvolvida e participar no processo de avaliação do desempenho do docente em período probatório.

5. O docente em período probatório fica impossibilitado de acumular outras funções, públicas ou privadas.

6. A componente não lectiva do docente em período probatório pode ser reduzida para a frequência de acções de formação da iniciativa dos serviços centrais, regionais ou do agrupamento de escola ou escola não agrupada a que pertença, assistência a aulas de outros professores ou a realização de trabalhos de grupo, sob proposta do professor de acompanhamento e apoio.

7. A avaliação do desempenho do docente em período probatório é objecto de regulamentação específica, nos termos previstos no nº 5 do artigo 41º do presente Estatuto.

8. O período probatório do docente que se encontre em situação de licença por maternidade e de paternidade, faltas resultantes de acidente em serviço ou doença profissional, ou por isolamento profiláctico, é suspenso enquanto durar o impedimento, sem prejuízo da manutenção dos direitos e regalias inerentes à continuidade do vínculo laboral.

9. Finda a situação que determinou a suspensão prevista no número anterior, o docente retoma ou inicia o exercício efectivo das suas funções em período probatório.

10. Se o período de suspensão for superior a quinze dias de actividade lectiva, o período probatório será repetido no ano escolar seguinte.

11. O docente em nomeação provisória que conclua o período probatório com avaliação do desempenho igual ou superior a “Bom” é nomeado definitivamente em lugar do quadro.

12. A atribuição da menção de Insuficiente implica a impossibilidade de candidatura, a

qualquer título, à docência, no ano escolar seguinte.

13. O tempo de serviço prestado pelo docente em período probatório é contado para efeitos de acesso e progressão na categoria de ingresso da carreira docente, desde que classificado com menção igual ou superior a Bom.

14. O período probatório do docente que haja anteriormente exercido funções docentes em regime de contrato no mesmo nível de ensino e grupo de recrutamento por tempo correspondente a, pelo menos, um ano lectivo, com horário completo e classificação de serviço igual ou superior a Bom, considera-se suprido para efeitos de conversão da nomeação provisória em nomeação definitiva.

Artigo 32º

Nomeação definitiva

1. A nomeação provisória converte-se em nomeação definitiva em lugar do quadro, independentemente de quaisquer formalidades, no início do ano escolar subsequente à conclusão do período probatório com avaliação de desempenho igual ou superior a Bom.

2. A conversão da nomeação provisória em nomeação definitiva é promovida pelo órgão de direcção executiva da escola até 20 dias antes do termo daquela nomeação e produz efeitos, em qualquer caso, a partir de 1 de Setembro.

3. Se o docente obtiver avaliação de desempenho inferior a Bom é, no termo do ano escolar, automaticamente exonerado do lugar do quadro em que se encontra provido.

Artigo 34º

Natureza e estrutura da carreira docente

1. O pessoal docente, definido nos termos do artigo 2º do presente decreto-lei constitui, nos termos da lei geral, um corpo especial da administração pública dotado de uma carreira própria.

2. A carreira docente desenvolve-se pelas categorias hierarquizadas de:

- a)** Professor;
- b)** Professor titular.

3. À categoria de professor titular, além das funções de professor, correspondem funções diferenciadas pela sua natureza, âmbito e grau de responsabilidade.

4. Cada categoria é integrada por escalões a que correspondem índices remuneratórios diferenciados, de acordo com o Anexo I ao presente Estatuto, que dele faz parte integrante.

Artigo 35º

Conteúdo funcional

1. As funções do pessoal docente são exercidas com responsabilidade profissional e autonomia técnica e científica, sem prejuízo do número seguinte.

2. O docente desenvolve a sua actividade profissional de acordo com as orientações de política educativa e observando as exigências do *currículum* nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares em vigor, bem como do projecto educativo da escola.

3. São funções do pessoal docente em geral:

- a) Lecionar as disciplinas, matérias e cursos para que se encontra habilitado de acordo com as necessidades educativas dos alunos que lhe estejam confiados e no cumprimento do serviço docente que lhe seja atribuído;
- b) Planear, organizar e preparar as actividades lectivas dirigidas à turma ou grupo de alunos nas áreas disciplinares ou matérias que lhe sejam distribuídas;
- c) Conceber, aplicar, corrigir e classificar os instrumentos de avaliação das aprendizagens e participar no serviço de exames e reuniões de avaliação;
- d) Elaborar recursos e materiais didáctico-pedagógicos e participar na respectiva avaliação;
- e) Promover, organizar e participar em todas as actividades complementares, curriculares e extracurriculares, incluídas no plano de actividades ou projecto educativo da escola, dentro e fora do recinto escolar;
- f) Organizar, assegurar e acompanhar as actividades de enriquecimento curricular dos alunos;
- g) Assegurar as actividades de apoio educativo, executar os planos de acompanhamento de alunos determinados pela administração educativa e cooperar na detecção e acompanhamento de dificuldades de aprendizagem;
- h) Acompanhar e orientar as aprendizagens dos alunos, em colaboração com os respectivos pais e encarregados de educação;
- i) Facultar orientação e aconselhamento em matéria educativa, social e profissional dos alunos, em colaboração com os serviços especializados de orientação educativa;
- j) Participar nas actividades de avaliação da escola;
- l) Participar em actividades de investigação, inovação e experimentação científica e pedagógica;
- m) Organizar e participar, como formando ou formador, em acções de formação contínua e especializada;

- n) Desempenhar as actividades de coordenação administrativa e pedagógica que não sejam exclusivamente cometidas ao professor titular.

4. Além das previstas no número anterior, são funções específicas da categoria de professor titular:

- a) Coordenação pedagógica do ano, ciclo ou curso;
- b) Direcção de centros de formação das associações de escolas;
- d) Coordenação de departamentos curriculares e conselhos de docentes;
- e) Orientação da prática pedagógica supervisionada a nível da escola;
- f) Coordenação de programas de desenvolvimento;
- g) Exercício das funções de acompanhamento e apoio à realização do período probatório;
- h) Participação nos júris das provas nacionais de avaliação de conhecimentos e competências para admissão na carreira ou da prova de avaliação e discussão curricular para acesso à categoria.

Artigo 36º

Ingresso

1. O ingresso na carreira docente faz-se mediante concurso destinado ao provimento de lugar do quadro da categoria de professor, de entre os docentes que satisfaçam os requisitos de admissão a que se refere o artigo 22º.
2. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, o ingresso na carreira faz-se no escalão 1 da categoria de professor.
3. O ingresso na carreira dos docentes portadores da qualificação profissional que tiverem celebrado contrato no ano escolar imediatamente anterior, faz-se no escalão correspondente ao tempo de serviço prestado em funções docentes e classificado com a menção qualitativa mínima de Bom, de acordo com os critérios gerais de progressão.

Artigo 37º

Progressão

1. A progressão na carreira docente consiste na mudança de escalão dentro de cada categoria.
2. A progressão depende da permanência de um período mínimo de serviço docente efectivo no escalão imediatamente anterior, com avaliação do desempenho, pelo menos, de Bom, atribuída por cada módulo de dois anos de tempo de serviço, e ainda da frequência,

com aproveitamento, de módulos de formação contínua que no seu cômputo global correspondam, no mínimo, a vinte e cinco horas anuais, durante o mesmo período.

3. Os módulos de tempo de serviço nos escalões de cada categoria têm a seguinte duração:

- a) Professor – Cinco anos.
- b) Professor titular – Seis anos.

4. A progressão ao escalão seguinte da categoria produz efeitos no dia 1 do mês seguinte àquele em que se encontrem reunidos todos os requisitos referidos no número anterior.

5. Semestralmente será afixada nos estabelecimentos de educação ou de ensino a listagem dos docentes que progrediram de escalão.

Artigo 38º

Acesso

1. O recrutamento para a categoria de professor titular faz-se mediante concurso de provas públicas de avaliação e discussão curricular aberto para o preenchimento de vaga existente no quadro do agrupamento ou escola não agrupada e destinada à categoria e departamento ou grupo de recrutamento respectivo.

2. Podem ser opositores ao concurso de acesso à categoria de professor titular os professores que detenham, pelo menos, dezoito anos de exercício de funções nesta categoria com avaliação de desempenho igual ou superior a Bom.

3. O concurso a que se refere o nº1 consiste na apreciação e discussão pública, perante um júri a constituir para o efeito, do currículo profissional do candidato e de um relatório elaborado para o efeito que incidirá sobre a actividade profissional desenvolvida pelo docente e que deverá demonstrar a sua capacidade para o exercício das funções específicas da categoria de professor titular.

4. O número de lugares a prover nos termos do nº1 não pode ultrapassar a dotação a fixar anualmente por despacho do Ministro da Educação, ponderados os resultados da avaliação externa do estabelecimento escolar e ainda as perspectivas de desenvolvimento de carreira dos docentes.

5. Na ordenação dos candidatos preferem, em caso de igualdade de classificação, os

docentes portadores de formação especializada nos domínios da organização e desenvolvimento curricular, supervisão pedagógica ou formação de formadores.

6. Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, as normas reguladoras do concurso de acesso são definidas em diploma próprio.

7. No acesso à categoria de professor titular, a integração na respectiva escala indiciária faz-se pelo escalão 1 dessa categoria.

SUBCAPÍTULO II

CONDIÇÕES DE PROGRESSÃO E ACESSO NA CARREIRA

Secção I

Tempo de serviço efectivo em funções docentes

Artigo 39º

Exercício de funções não docentes

1. Na contagem do tempo de serviço docente efectivo para efeitos de progressão e acesso na carreira são considerados os períodos referentes à requisição, destacamento e comissão de serviço no exercício de funções não docentes que revistam natureza técnico-pedagógica, desde que correspondam a prestação de trabalho por período não superior a um quarto do módulo de tempo de serviço necessário.

2. Para efeitos do disposto no número anterior, entende-se por funções de natureza técnico-pedagógica as que, pela sua especialização, especificidade ou especial relação com o sistema de educação e ensino, requerem, como condição legal para o respectivo exercício, as qualificações e exigências de formação próprias do pessoal docente.

3. Por despacho do Ministro da Educação são anualmente fixadas as funções ou cargos a identificar como de natureza técnico-pedagógica.

Secção II

Avaliação do desempenho

Artigo 40º

Caracterização e objectivos

1. A avaliação do desempenho do pessoal docente desenvolve-se de acordo com os princípios consagrados no artigo 39º da Lei de Bases do Sistema Educativo e no respeito pelos princípios e objectivos que enformam o sistema integrado de avaliação do desempenho da Administração Pública, incidindo sobre a actividade desenvolvida e tendo em conta as qualificações profissionais, pedagógicas e científicas do docente.
2. A avaliação de desempenho do pessoal docente visa a melhoria dos resultados escolares dos alunos e da qualidade das aprendizagens, proporcionando orientações para o desenvolvimento pessoal e profissional do docente no quadro de um sistema de reconhecimento e remuneração do mérito.
3. Constituem ainda objectivos da avaliação de desempenho:
 - a) Contribuir para a melhoria da prática pedagógica do docente;
 - b) Contribuir para a valorização e aperfeiçoamento individual do docente;
 - c) Permitir a inventariação das necessidades de formação do pessoal docente;
 - d) Detectar os factores que influenciam o rendimento profissional do pessoal docente;
 - e) Facultar indicadores de gestão em matéria de pessoal docente;
 - f) Promover o trabalho de cooperação entre os docentes, tendo vista a melhoria dos resultados escolares;
 - h) Promover a excelência e a qualidade dos serviços prestados à comunidade;
 - i) Diferenciar e premiar os melhores profissionais.
4. A regulamentação do sistema de avaliação do desempenho estabelecido no presente diploma é definida em decreto regulamentar.
5. O decreto regulamentar previsto no número anterior regulará ainda o processo de avaliação de desempenho dos docentes que se encontrem no exercício de outras funções educativas, em período probatório ou em regime de contrato.
6. Os docentes que exerçam cargos ou funções cujo estatuto salvasgarde o direito de acesso na carreira de origem e não tenham funções lectivas distribuídas, são dispensados da avaliação de desempenho a que se refere o presente decreto-lei, considerando-se avaliados com a menção qualitativa mínima que for exigida para efeitos de acesso e progressão na carreira docente, relativamente ao período de exercício naqueles cargos ou funções, desde que a última classificação obtida no desempenho efectivo de funções docentes tenha sido igual ou superior a Bom.
7. Quando não lhe for aplicável o disposto no número anterior o docente requer a aplicação de um dos mecanismos de suprimento da avaliação previstos nos nºs 8 e 9 do artigo 47º do

presente Estatuto.

Artigo 41º
Relevância

A avaliação do desempenho é obrigatoriamente considerada para efeitos de:

- a) Progressão e acesso na carreira,
- b) Conversão da nomeação provisória em nomeação definitiva no termo do período probatório;
- c) Renovação do contrato a que se refere o artigo 33º do presente Estatuto.

Artigo 42º
Âmbito e periodicidade

1. A avaliação realiza-se segundo critérios previamente definidos que permitam aferir os padrões de qualidade do desempenho profissional, tendo em consideração o contexto sócio-educativo em que se desenvolve a sua actividade.

2. A avaliação do desempenho concretiza-se nas seguintes dimensões:

- a) Vertente profissional e ética;
- b) Desenvolvimento do ensino e da aprendizagem;
- c) Participação na escola e relação com a comunidade escolar;
- d) Desenvolvimento e formação profissional ao longo da vida.

3. A avaliação dos docentes integrados na carreira reporta-se à actividade docente desenvolvida em cada módulo de dois anos de permanência nos escalões da categoria para efeitos de acesso ou progressão na carreira, desde que tenham completado, em cada ano escolar, pelo menos seis meses de serviço efectivo.

4. A avaliação dos docentes em período probatório é feita no final do mesmo e reporta-se à actividade desenvolvida no seu decurso.

5. A avaliação do pessoal docente contratado nos termos do artigo 33º realiza-se no final do período de vigência do respectivo contrato.

6. Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, deve proceder-se em cada ano escolar à recolha de toda a informação relevante para efeitos de avaliação do respectivo desempenho.

Artigo 43º

Intervenientes no processo de avaliação

- 1.** Intervêm no processo de avaliação do desempenho:
 - a)** Os avaliadores;
 - b)** Os avaliados;
 - c)** A comissão de coordenação da avaliação do desempenho.

- 2.** São avaliadores:
 - a)** O coordenador do conselho de docentes ou o coordenador do departamento curricular, consoante se trate de docentes da educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico ou dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário;
 - b)** O órgão de direcção executiva da escola ou agrupamento de escolas em que o docente presta serviço.

- 3.** A avaliação global é homologada pelo órgão de direcção executiva da escola ou agrupamento de escolas.

- 4.** Compete ao órgão de direcção executiva da escola ou agrupamento:
 - a)** Garantir a permanente adequação do processo de avaliação às especificidades da escola;
 - b)** Coordenar e controlar o processo de avaliação de acordo com os princípios e regras definidos no presente Estatuto;
 - c)** Homologar as avaliações de desempenho;
 - d)** Apreciar e decidir as reclamações dos avaliados após parecer da comissão de coordenação de avaliação.

- 5.** Em cada escola ou agrupamento de escolas funciona a comissão de coordenação da avaliação que integra quatro membros do conselho pedagógico, um dos quais o seu presidente, que coordenará, bem como um dos vice-presidentes ou adjuntos da direcção executiva da escola.

- 6.** Compete à comissão de coordenação da avaliação:
 - a)** Garantir o rigor do sistema de avaliação, através da validação ou confirmação dos dados constantes das fichas de avaliação;
 - b)** Validar as avaliações de Excelente, Muito Bom ou Insuficiente;
 - c)** Proceder à avaliação do desempenho nos casos de ausência de avaliador e propor as medidas de acompanhamento e correcção do desempenho insuficiente;
 - d)** Dar parecer sobre as reclamações do avaliado.

- 7.** A avaliação dos docentes que exercem as funções de coordenador de departamento curricular ou do conselho de docentes é assegurada por um inspector com formação científica na área disciplinar do docente, a designar pelo Inspector-Geral de Educação.

8. No quadro das suas competências, incumbe à Inspeção-Geral de Educação o acompanhamento global do processo de avaliação do desempenho do pessoal docente.

Artigo 44º

Processo de avaliação

1. O processo de avaliação do desempenho compreende as seguintes fases sequenciais:
 - a) Entrega ao coordenador do departamento curricular ou conselho de docentes de uma ficha de auto-avaliação, preenchida pelo avaliado, sobre a sua prática profissional, que identificará a formação contínua realizada;
 - b) Preenchimento de uma ficha de avaliação pelo coordenador do departamento ou conselho de docentes respectivo;
 - c) Preenchimento de ficha de proposta de avaliação final pela direcção executiva da escola ou agrupamento;
 - d) Conferência e validação dos dados constantes da proposta de classificação final, quando esta apresente as menções de Excelente, Muito Bom e Insuficiente, pela comissão coordenadora da avaliação;
 - e) Divulgação da proposta de avaliação final ao avaliado;
 - e) Homologação/confirmação da classificação final pela direcção executiva da escola ou agrupamento de escolas.
2. O processo de avaliação implica a utilização de instrumentos de registo normalizados.
3. Os modelos de impressos das fichas de avaliação e de auto-avaliação são aprovados por despacho da Ministra da Educação.
4. A validação das propostas de avaliação final correspondentes à menção de Excelente ou Muito Bom implica confirmação formal, assinada por todos os membros da comissão coordenadora da avaliação, no prazo de cinco dias úteis, do cumprimento das correspondentes percentagens máximas.

Artigo 45º

Itens de classificação

1. A avaliação efectuada pelo coordenador do departamento curricular ou conselho de docentes pondera o envolvimento e a qualidade científico-pedagógica do docente, com base na apreciação dos seguintes parâmetros classificativos:
 - a) Preparação e organização das actividades lectivas;
 - b) Realização das actividades lectivas ;
 - c) Relação pedagógica com os alunos;
 - c) Processo de avaliação das aprendizagens dos alunos.

2. Na avaliação efectuada pelo órgão de direcção executiva são ponderados, em função de elementos disponíveis, os seguintes indicadores de classificação:

- a) Nível de assiduidade;
- b) Serviço distribuído;
- c) Resultados escolares dos alunos e taxas de abandono escolar, tendo em conta o contexto sócio-educativo;
- d) Participação dos docentes no agrupamento/escola e apreciação do seu trabalho colaborativo em projectos conjuntos de melhoria da actividade didáctica e dos resultados das aprendizagens;
- e) Acções de formação contínua concluídas;
- f) Exercício de outros cargos ou funções de natureza pedagógica;
- g) Dinamização de projectos de investigação, desenvolvimento e inovação educativa e sua correspondente avaliação;
- h) Apreciação realizada pelos pais e encarregados dos alunos que integram a turma leccionada, com incidência na conduta inter-relacional, envolvimento e participação do docente nas actividades da escola e comunidade educativa.

3. A apreciação dos pais e encarregados de educação é promovida no final de cada ano escolar, pelo director de turma, e traduz-se no preenchimento de uma ficha de modelo a aprovar nos termos do nº3 do artigo 44º.

4. A classificação dos parâmetros definidos para a avaliação de desempenho deve atender a múltiplas fontes de dados através da recolha, durante o ano escolar, de todos os elementos relevantes de natureza informativa, designadamente:

- a) Relatórios certificativos de aproveitamento em acções de formação;
- b) Auto-avaliação;
- c) Observação de aulas;
- d) Análise de instrumentos de gestão curricular;
- e) Materiais pedagógicos desenvolvidos e utilizados;
- f) Instrumentos de avaliação pedagógica;
- g) Planificação das aulas e instrumentos de avaliação utilizados com os alunos.

5. Para efeitos do disposto na alínea c) do número anterior, deve o órgão de direcção executiva calendarizar a observação, pelo coordenador de departamento curricular ou do conselho de docentes, de, pelo menos, três aulas leccionadas pelo docente por ano escolar.

6. Para efeitos do disposto na alínea e) do n.º 2 são consideradas as acções de formação contínua que incidam sobre conteúdos de natureza científico-didáctica com estreita ligação à matéria curricular que lecciona, bem como as relacionadas com as necessidades de funcionamento da escola definidas no respectivo projecto educativo ou plano de actividades.

Artigo 46º **Sistema de classificação**

1. A avaliação de cada uma das componentes de classificação e respectivos subgrupos é feita numa escala de avaliação de 1 a 10, devendo as classificações ser atribuídas em números inteiros.

2. O resultado final da avaliação do docente corresponde à classificação média das pontuações obtidas em cada uma das fichas de avaliação, e comporta as seguintes menções qualitativas:

Excelente - de 9 a 10 valores;

Muito Bom - de 8 a 8,9 valores

Bom - de 7 a 7,9 valores

Regular – de 5 a 6,9 valores

Insuficiente – de 1 a 4,9 valores

3. Por despacho conjunto do Ministro da Educação e do membro do Governo responsável pela Administração Pública são fixadas as percentagens máximas de atribuição das classificações de Muito Bom e Excelente, por escola ou agrupamento de escolas, as quais terão obrigatoriamente por referência os resultados obtidos na avaliação externa da escola.

4. A atribuição da menção qualitativa de Excelente, de Muito Bom ou de Insuficiente é sempre validada pela comissão coordenadora da avaliação.

5. A atribuição da menção de Excelente deve ainda especificar os contributos relevantes proporcionados pelo avaliado para o sucesso escolar dos alunos e para a qualidade das suas aprendizagens, tendo em vista a sua inclusão numa base de dados sobre boas práticas e posterior divulgação.

6. Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a atribuição de menção qualitativa igual ou superior a Bom fica dependente do cumprimento de, pelo menos, 97% do serviço lectivo no período escolar a que se reporta a avaliação.

7. Para o cômputo do serviço lectivo a que se refere o número anterior, é considerada a actividade lectiva registada no horário de trabalho do docente, como também aquela que resulte da permuta de serviço lectivo com outro docente.

8. Quando o docente permanecer em situação de ausência ao serviço que inviabilize a atribuição de avaliação do desempenho, designadamente, nas situações de licença por maternidade e paternidade, faltas por doença prolongada ou decorrente de acidente em

serviço e isolamento profilático, o docente pode, para efeitos de progressão e acesso na carreira, utilizar como mecanismo de suprimento da avaliação ponderação da menção qualitativa que vier a ser atribuída relativamente aos dois anos subsequentes à retoma do exercício efectivo de funções docentes.

Artigo 47º

Reclamação e recurso

1. Homologada a proposta de avaliação final pelo órgão de direcção executiva do agrupamento ou escola não agrupada, esta é imediatamente dada a conhecer ao avaliado que dela pode apresentar reclamação escrita, no prazo de dez dias úteis.
2. A decisão de reclamação é proferida no prazo máximo de 15 dias úteis, ouvida a comissão de coordenação da avaliação.
3. Da decisão final sobre a reclamação cabe recurso administrativo para o director regional de educação respectivo, a interpor no prazo de 10 dias úteis contado do seu conhecimento.
4. A decisão do recurso deve ser proferida no prazo de 10 dias úteis contado da data da sua interposição.

Artigo 48º

Efeitos da avaliação

1. A atribuição da menção qualitativa de Excelente durante dois períodos consecutivos de avaliação do desempenho determina a redução de quatro anos no tempo de serviço docente exigido para efeitos de acesso à categoria de professor titular.
2. A atribuição da menção de Muito Bom durante dois períodos consecutivos reduz em dois anos o tempo mínimo de serviço docente exigido para efeitos de acesso na carreira.
3. A atribuição da menção qualitativa de Bom determina que:
 - a) Seja considerado o período de tempo a que respeita para efeitos de progressão e acesso na carreira;
 - b) A conversão da nomeação provisória em nomeação definitiva.
4. A atribuição da menção qualitativa de Regular ou da menção qualitativa de Insuficiente

implica a não contagem do período a que respeita para efeitos de progressão e acesso na carreira.

5. A atribuição da menção qualitativa de Insuficiente implica:
 - a) Fundamento para a não renovação do contrato previsto no artigo 33º;
 - c) A impossibilidade genérica de acumulação de funções nos termos previstos no artigo 111º.
6. A primeira atribuição da menção qualitativa de Insuficiente deve ser acompanhada de uma proposta de formação contínua que permita ao docente superar os aspectos do seu desempenho profissional identificados como negativos no respectivo processo de avaliação.
7. A atribuição ao docente provido em lugar do quadro de duas classificações consecutivas ou de três interpoladas de Insuficiente determina a não distribuição de serviço lectivo no ano imediatamente subsequente e a sujeição do mesmo ao regime de reclassificação ou de reconversão profissional nos termos da lei.

Artigo 49º

Garantias do processo de avaliação

1. Sem prejuízo das regras de publicidade previstas no presente Estatuto, o processo de avaliação tem carácter confidencial, devendo os instrumentos de avaliação de cada docente ser arquivados no respectivo processo individual.
2. Todos os intervenientes no processo, à excepção do avaliado, ficam obrigados ao dever de sigilo sobre a matéria.
3. Anualmente, e após conclusão do processo de avaliação, serão divulgados na escola os resultados globais da avaliação de desempenho de informação não nominativa contendo o número de menções globalmente atribuídas ao pessoal docente.

Artigo 50º (Revogado)

Artigo 51º (Revogado)

Artigo 52º
(Revogado)

Artigo 53º
(Revogado)

Artigo 54º
Aquisição do grau de doutor

1. A aquisição por docentes profissionalizados, integrados na carreira, do grau académico de doutor em Ciências da Educação ou em domínio directamente relacionado com a área científica que leccionem, confere direito à redução de quatro anos no tempo de serviço legalmente exigido para acesso à categoria de professor titular, desde que, em qualquer caso, tenha sido sempre avaliado com menção igual ou superior a Bom.

2. (Revogado).

3.

4. As características ds doutoramentos a que se refere o n.º 1 serão definidas por despacho do Ministro da Educação.

Artigo 55º
(Revogado)

Artigo 56º
Qualificação para o exercício de outras funções educativas

1. A qualificação para o exercício de outras funções ou actividades educativas especializadas por docentes integrados na carreira com nomeação definitiva, nos termos do artigo 36º da Lei de Bases do Sistema Educativo, adquire-se pela frequência, com aproveitamento, de cursos de formação especializada realizados em estabelecimentos de ensino superior para o efeito competentes, nas seguintes áreas:

- a) (Revogado);
- b)
- c)

- d)
- e)
- f)
- g)
- h)
- i)
- j) (Revogado).

2.

3. Podem ainda ser definidas outras áreas de formação especializada, tomando em consideração as necessidades de desenvolvimento do sistema educativo, por despacho do Ministro da Educação.

4.

Artigo 57º

Exercício de outras funções educativas

1.

2. A recusa pelo docente que se encontre qualificado para o exercício de outras funções educativas, nos termos das alíneas b) a i) do nº1 do artigo anterior, do desempenho efectivo dessas mesmas funções, quando para tal tenha sido eleito ou designado, determina, na primeira avaliação de desempenho a ela subsequente, a atribuição da menção qualitativa de Insuficiente.

3. (Revogado).

4. O exercício efectivo de outras funções educativas por docentes qualificados nas situações previstas nos nºs 1 e 2 do artigo 56º, durante quatro anos lectivos consecutivos, determina, para efeitos de acesso na carreira, a redução de um ano de serviço docente, não podendo, em qualquer caso, tal redução exceder três anos.

Artigo 58º

(Revogado)

Artigo 59º
Índices remuneratórios

1. A carreira docente é remunerada de acordo com as escalas indiciárias constante do Anexo I ao presente diploma.
2. O valor a que corresponde o índice 100 das escalas indiciárias e índices referidos nos números anteriores é fixado por portaria conjunta do Primeiro-Ministro e do Ministro de Estado e das Finanças.

Artigo 60º
Remuneração de outras funções educativas
(Revogado)

Artigo 61º
Cálculo da remuneração horária

A remuneração horária normal é calculada através da fórmula $(Rb \times 12) / (52 \times N)$, sendo Rb a remuneração mensal fixada para o respectivo escalão e N o número de horas correspondente a trinta e cinco horas semanais.

Artigo 62º
Remuneração por trabalho extraordinário

1. As horas de serviço docente extraordinário são compensadas por um acréscimo da retribuição horária normal de acordo com as seguintes percentagens:
 - a) 25% para a primeira hora semanal de trabalho extraordinário diurno;
 - b) 50% para as horas subsequentes de trabalho extraordinário diurno.
2. A retribuição do trabalho extraordinário nocturno é calculada através da multiplicação do valor da hora extraordinária diurna de serviço docente pelo coeficiente 1,25.

Artigo 63º

Prémio de desempenho

1. O docente do quadro em efectividade de serviço docente tem direito a um prémio pecuniário de desempenho, a abonar numa única prestação, por cada quatro períodos consecutivos de avaliação de desempenho com menção qualitativa igual ou superior a Muito Bom, de montante a fixar por despacho conjunto dos Ministros de Estado e das Finanças e da Educação.
2. O prémio de desempenho a que se refere o número anterior é processado e pago numa única prestação no final do ano em que se verifique a aquisição deste direito.
3. A concessão do prémio é promovida oficiosamente pela respectiva escola ou agrupamento nos 30 dias após o termo do período de atribuição da avaliação.

Artigo 64º

Formas de mobilidade

1.
 - a)
 - b)
 - c)
 - d)
 - e)
2. Constitui ainda uma forma de mobilidade a transição entre níveis ou ciclos de ensino e entre grupos de recrutamento.
3. Por iniciativa da Administração, pode ocorrer a transferência do docente para a mesma categoria e em lugar vago do quadro de outro estabelecimento escolar, independentemente de concurso, com fundamento em interesse público decorrente do planeamento e organização da rede escolar, caso em que se aplica, com as devidas adaptações, o regime de transferência por ausência da componente lectiva previsto no Decreto-Lei nº 20/2006, de 31 de Janeiro.
4. O disposto no presente artigo, com excepção do nº 3, apenas é aplicável aos docentes com nomeação definitiva em lugar do quadro de agrupamento de escolas, de escola não agrupada ou de zona pedagógica.

Artigo 65º

Concurso

O concurso visa o preenchimento das vagas existentes nos quadros de agrupamento, escola não agrupada ou de zona pedagógica, podendo constituir ainda um instrumento de mudança dos docentes de um para outro quadro.

Artigo 66º

Permuta

1. A permuta consiste na troca de docentes pertencentes à mesma categoria, nível e grau de ensino e ao mesmo grupo de recrutamento.

2.

Artigo 67º

Requisição

1.

2.

a)

b)

c)

d)

e)

f)

g) De funções docentes no ensino da língua e cultura portuguesas em universidades estrangeiras;

h) De funções em associações exclusivamente profissionais de pessoal docente.

3.

4.

Artigo 68º

Destacamento

.....

a)

- b)
- c) (Revogado);
- d)
- e) (Revogado).

Artigo 69º

Duração da requisição e do destacamento

1. Os docentes podem ser requisitados ou destacados por um ano escolar, eventualmente prorrogáveis até ao limite de quatro anos escolares, incluindo o primeiro.
2.
3. Findo o prazo previsto no nº1, o docente:
 - a) Regressa ao quadro de origem, não podendo voltar a ser requisitado ou destacado durante o prazo de quatro anos escolares;ou
 - b) É reconvertido ou reclassificado em diferente carreira e categoria, de acordo com as funções que vinha desempenhando, os requisitos habilitacionais detidos, as necessidades dos serviços e o nível remuneratório que detenha, sendo integrado no serviço onde se encontra requisitado ou destacado em lugar vago do respectivo quadro ou mediante a criação de lugar, a extinguir quando vagar, aplicando-se com as devidas adaptações o disposto na lei geral; ou
 - c) Requer a passagem à situação de licença sem vencimento de longa duração.
4. O docente que regresse ao serviço após ter passado pela situação de licença prevista na alínea c) do número anterior, fica impedido de ser requisitado ou destacado antes de decorrido um período mínimo de quatro anos escolares após o regresso.

Artigo 70º

Comissão de serviço

A comissão de serviço destina-se ao exercício de funções dirigentes na Administração Pública, em gabinetes dos membros do Governo ou equiparados, ou ainda de outras funções para as quais a lei exija esta forma de provimento.

Artigo 71º

Autorização

1. A autorização do destacamento, requisição, comissão de serviço e transferência de docentes é concedida por despacho do Ministro da Educação, após parecer do órgão de

direcção executiva do estabelecimento de educação ou de ensino a cujo quadro pertencem.

2.

3. Por despacho do Ministro da Educação é fixado o período durante o qual devem, em cada ano escolar, ser requeridos o destacamento e a requisição de pessoal docente.

4. O destacamento, a requisição, a comissão de serviço e a transferência só produzem efeitos no início de cada ano escolar.

5. O disposto nos nºs 1 a 4 não é aplicável em caso de nomeação para cargo dirigente, ao exercício de funções em gabinetes dos membros do Governo, ou a outras funções na Administração Pública para as quais a lei exija a mesma forma de provimento, situação em que se aplica a legislação própria.

Artigo 72º

Transição entre níveis de ensino e grupos de recrutamento

1. Os docentes podem transitar, por concurso, entre os diversos níveis ou ciclos de ensino previstos neste Estatuto e entre os grupos de recrutamento estabelecidos em legislação própria.

2. A transição fica condicionada à existência das habilitações pedagógicas, científicas, técnicas ou artísticas adequadas exigidas para o nível, ciclo de ensino ou grupo de recrutamento a que o docente concorre.

3. (Revogado).

4. A mudança de nível, ciclo ou grupo de recrutamento não implica por si alterações na carreira, contando-se, para todos os efeitos, o tempo de serviço nela já prestado.

Artigo 73º

Exercício a tempo inteiro de funções docentes

1. O exercício a tempo inteiro em estabelecimentos de educação ou de ensino públicos das funções docentes previstas no artigo 33º do presente Estatuto pode ser assegurado por

outros funcionários públicos que preencham os requisitos legalmente exigidos para o efeito.

2. As funções docentes referidas no número anterior são exercidas em regime de requisição ou outro instrumento de mobilidade geral.

Artigo 74º
Acumulação de funções

A acumulação de cargo ou lugar da Administração Pública com o exercício de funções docentes em estabelecimento de educação ou de ensino públicos, ao abrigo do disposto no artigo 12º do Decreto-Lei nº 184/89, de 2 de Junho, só é permitida nas situações de contratação previstas no artigo 33º do presente Estatuto.

Artigo 76º
Duração semanal

1.

2.

3. No horário de trabalho do docente é obrigatoriamente registada a totalidade das horas correspondentes à duração da respectiva prestação semanal de trabalho, com excepção da componente lectiva destinada a trabalho individual e da participação em reuniões de natureza pedagógica, convocadas nos termos legais, que decorram de necessidades ocasionais e que não possam ser realizadas nos termos da alínea c) do nº 2 do artigo 82º.

4. Em tudo o que não se mostre especialmente regulado no presente Estatuto, é aplicável a legislação geral da função pública em matéria de horário e duração do trabalho.

Artigo 77º
Componente lectiva

1. A componente lectiva do pessoal docente da educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico é de vinte e cinco horas semanais.

2. A componente lectiva do pessoal docente dos restantes ciclos e níveis de ensino é de vinte e duas horas semanais.

Artigo 78º

Organização da componente lectiva

1.
2. A componente lectiva do horário do docente corresponde ao número de horas leccionadas e abrange todo o trabalho com a turma ou grupo de alunos durante o período de leccionação da disciplina ou área curricular não disciplinar.
3. É vedada ao docente a prestação diária de mais de seis horas lectivas consecutivas ou oito interpoladas.

Artigo 79º

Redução da componente lectiva

1. A componente lectiva a que estão obrigados os docentes dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário, é sucessivamente reduzida de duas horas, de cinco em cinco anos, até ao máximo de seis horas, logo que os professores atinjam 50 anos de idade e 15 anos de serviço docente, 55 anos de idade e 20 anos de serviço docente e 60 anos de idade e 25 anos de serviço docente.
2. Os docentes que completarem 60 anos de idade independentemente de outro requisito, do nível ou ciclo de ensino em que leccionam, podem optar, mediante requerimento, por um dos seguintes benefícios:
 - a) redução de quatro horas da respectiva componente lectiva semanal, independentemente da categoria de que sejam titulares;
 - b) aplicação do regime de trabalho a tempo parcial ou da prestação de trabalho por semana de quatro dias, nos termos da lei geral, não estando sujeitos às respectivas condicionantes e limites temporais.
3. Aos docentes da educação pré-escolar e do 1º ciclo do ensino básico que atinjam 25 e 33 anos de serviço lectivo efectivo em regime de monodocência pode ser concedida a dispensa total da componente lectiva, pelo período de um ano escolar.
4. O disposto no número anterior não se aplica aos docentes da educação pré-escolar e do

1º ciclo básico que beneficiem do regime transitório de aposentação previsto no n.º 7 a 9 do artigo 5º do Decreto-Lei n.º 229/2005, de 29 de Dezembro.

5. As reduções ou a dispensa total da componente lectiva previstas nos números anteriores apenas produzem efeitos no início do ano escolar imediato ao da verificação dos requisitos exigidos

6. A redução da componente lectiva do horário de trabalho a que o docente tenha direito, nos termos dos números anteriores, determina o acréscimo correspondente da componente não lectiva a nível de estabelecimento de ensino, mantendo-se a obrigatoriedade de prestação pelo docente de trinta e cinco horas de serviço semanal.

Artigo 80º

Exercício de outras funções pedagógicas

1. O desempenho de cargos de natureza pedagógica, designadamente de orientação educativa e de supervisão pedagógica, dá lugar a redução da componente lectiva, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2. Ao número de horas de redução da componente lectiva a que os docentes tenham direito pelo exercício de funções pedagógicas são subtraídas as horas correspondentes à redução da componente lectiva semanal de que os mesmos beneficiem em função da sua idade e tempo de serviço.

3. A redução da componente lectiva prevista no nº1 é fixada por despacho do Ministro da Educação.

Artigo 81º

(Revogado)

Artigo 82º

Componente não lectiva

1.

2.

3. O trabalho desenvolvido a nível do estabelecimento de educação ou de ensino deve ser desenvolvido sob orientação das respectivas estruturas pedagógicas intermédias com o objectivo de contribuir para a realização do projecto educativo da escola, podendo compreender, em função da categoria detida, as seguintes actividades:

- a)
- b)
- c)
- d) A participação, devidamente autorizada, em acções de formação contínua que incidam sobre conteúdos de natureza científico-didáctica com ligação à matéria curricular leccionada, bem como as relacionadas com as necessidades de funcionamento da escola definidas no respectivo projecto educativo ou plano de actividades;
- e) A substituição de outros docentes do mesmo agrupamento de escolas ou escola não agrupada na situação de ausência de curta duração, nos termos do n.º 5 ;
- f)
- g) A assessoria técnico-pedagógica de órgãos de administração e gestão da escola ou agrupamento;
- h) O acompanhamento e apoio aos docentes em período probatório;
- i) O desempenho de outros cargos de coordenação pedagógica;
- j) Acompanhamento e supervisão das actividades de enriquecimento e complemento curricular;
- l) Orientação e acompanhamento dos alunos nos diferentes espaços escolares;
- m) Apoio individual a alunos com dificuldades de aprendizagem;
- n) Produção de materiais pedagógicos.

4. A distribuição de serviço docente a que se refere o número anterior é determinada pelo órgão de direcção executiva, ouvido o conselho pedagógico e as estruturas de coordenação intermédias, por forma a :

- a) Assegurar que as necessidades de acompanhamento pedagógico e disciplinar dos alunos são satisfeitas;
- b) Permitir a realização de actividades educativas que se mostrem necessárias à plena ocupação dos alunos durante o período de permanência no estabelecimento escolar.

5. Para os efeitos do disposto na alínea e) do nº 3 do presente artigo, considera-se ausência de curta duração a que não for superior a 5 dias lectivos na educação pré-escolar e no 1.º ciclo do ensino básico ou a 10 dias lectivos nos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e no ensino secundário.

6. O docente incumbido de realizar as actividades referidas na alínea e) do n.º 3 do presente artigo deve ser avisado, pelo menos, no dia anterior ao início das mesmas.

7. Para efeitos de realização da actividade a que se refere a alínea e) do nº3, deve ter-se em conta o seguinte:

- a) Na ausência do docente às actividades lectivas programadas, a aula correspondente é leccionada por um docente do quadro com formação adequada e componente

lectiva incompleta, de acordo com o planeamento diário elaborado pelo docente titular de turma ou disciplina;

- b) A possibilidade de permutar a actividade lectiva programada entre os docentes legalmente habilitados para a leccionação da disciplina, no âmbito do departamento curricular ou do conselho de docentes;
- c) A organização de actividades de enriquecimento e complemento curricular que possibilite a ocupação educativa dos alunos, quando não for possível assegurar as actividades curriculares nas condições previstas nas alíneas anteriores.

Artigo 83º

Serviço docente extraordinário

1. Considera-se serviço docente extraordinário aquele que, por determinação do órgão de administração e gestão do estabelecimento de educação ou de ensino, for prestado além do número de horas da componente lectiva e não lectiva registadas no horário semanal de trabalho do docente.

2. (Revogado).

3.

4.

5. (Revogado).

6.

7. Não deve ser distribuído serviço docente extraordinário aos docentes que beneficiem de redução da componente lectiva nos termos do artigo 79º e ainda aqueles que se encontrem ao abrigo do estatuto de trabalhador-estudante e apoio a filhos deficientes.

Artigo 84º

Serviço docente nocturno (Revogado)

Artigo 85º

Tempo parcial

Sem prejuízo do disposto no nº2 do artigo 79º do presente Estatuto, o pessoal docente dos 2º e 3º ciclos do ensino básico e do ensino secundário pode exercer funções em regime de tempo parcial, nos termos previstos para a função pública em geral.

Artigo 86º
Regime geral

1.
2.
 - a) Serviço – os agrupamentos de escola ou as escolas não agrupadas;
 - b) Dirigente e dirigente máximo – o órgão de direcção executiva da escola ou do agrupamento de escolas.
3.

Artigo 87º
Direito a férias

1.
2. O pessoal docente contratado em efectividade de serviço à data em que termina o ano lectivo e com menos de um ano de docência tem direito ao gozo de um período de férias igual ao produto do número inteiro correspondente a dois dias e meio por mês completo de serviço prestado até 31 de Agosto pelo coeficiente 0,833, arredondado para a unidade imediatamente superior.
3.

Artigo 91º
Interrupção da actividade lectiva

1. Durante os períodos de interrupção da actividade lectiva, o órgão de direcção executiva do estabelecimento de educação ou de ensino elabora um plano de distribuição de serviço docente para o cumprimento das necessárias tarefas de natureza pedagógica ou organizacional, designadamente as de avaliação e planeamento.

2. Os períodos de interrupção da actividade lectiva podem ainda ser utilizados pelos docentes para a frequência de acções de formação.

Artigo 93º
(Revogado)

Artigo 94º
Conceito de falta

1. Falta é a ausência do docente durante a totalidade ou parte do período diário de presença obrigatória no estabelecimento de educação ou de ensino, no desempenho de actividade das componentes lectiva e não lectiva, ou em local a que deva deslocar-se no exercício de tais funções.

2. As faltas dadas a tempos registados no horário individual do docente são sempre referenciadas a períodos de quarenta e cinco minutos.

3. A ausência do docente à totalidade ou a parte do tempo útil de uma aula de 90 minutos de duração, em qualquer dos casos, é obrigatoriamente registada como falta a dois tempos lectivos.

4. Em casos que considere atendíveis, pode o órgão de direcção executiva proceder à marcação de falta apenas a um tempo, desde que o docente, em situações de atraso, inicie a aula tão cedo quanto possível.

5. O disposto no número anterior não é aplicável aos casos em que o docente inicie a aula e a dê por finda antes de concluída a totalidade da duração da mesma.

6. É considerado um dia de falta a ausência a um número de horas igual ao quociente da divisão por cinco do número de horas de serviço docente que deva ser obrigatoriamente registado no horário semanal do docente.

7. É ainda considerada falta a um dia:

- a) a ausência do docente a serviço de exames;
- b) a ausência do docente a reuniões que visem a avaliação sumativa de alunos.

8. A ausência a outras reuniões de natureza pedagógica convocadas nos termos da lei é

considerada falta do docente a dois tempos lectivos.

9. As faltas por períodos inferiores a um dia são adicionadas no decurso do ano escolar para efeitos do disposto no nº 6.

10. As faltas a serviço de exames, bem como a reuniões que visem a avaliação sumativa de alunos, apenas podem ser justificadas por casamento, por maternidade, por nascimento, por falecimento de familiar, por doença, por doença prolongada, por acidente em serviço, por isolamento profiláctico e para cumprimento de obrigações legais, reguladas na lei geral.

11. A falta ao serviço lectivo que dependa de autorização apenas pode ser permitida desde que se encontrem reunidos, cumulativamente, os seguintes requisitos:

- a) Quando o docente tenha apresentado à direcção executiva da escola o plano da aula a que pretende faltar;
- b) Esteja assegurada a possibilidade de substituição do docente.

Artigo 95º

Faltas a exames e reuniões

(Revogado)

Artigo 96º

Faltas justificadas

(Revogado)

Artigo 97º

Rastreio das condições de saúde

(Revogado)

Artigo 100º

Junta médica

1.

2. Há ainda lugar a intervenção da junta médica da direcção regional de educação nas situações de licença por gravidez de risco clínico prevista no nº3 do artigo 35º do Código do Trabalho.

Artigo 101º

Faltas ao abrigo do Estatuto de Trabalhador-Estudante

1. Para efeitos do presente diploma, as faltas dadas ao abrigo do estatuto do trabalhador-estudante, previstas na lei geral, denominam-se faltas para prestação de provas em estabelecimentos de ensino.
2. Os docentes podem utilizar a regalia prevista no número anterior para efeitos de obtenção de grau superior ou de pós-graduação e desde que estes estudos se destinem a melhorar a sua situação profissional na docência.
3. (Actual redacção do corpo do artigo 101º).

Artigo 102º

Faltas por conta do período de férias

1. O docente pode faltar um dia útil por mês, por conta do período de férias, até ao limite de cinco dias úteis por ano, desde que tais faltas ocorram durante as interrupções da actividade lectiva ou em dias nos quais o docente não tenha serviço lectivo atribuído.
2. As faltas previstas no presente artigo quando dadas por docentes em período probatório apenas podem ser descontadas nas férias do próprio ano.
3. O docente que pretenda faltar ao abrigo do disposto no presente artigo deve solicitar, com a antecedência mínima de três dias úteis, autorização escrita ao órgão de direcção executiva do respectivo estabelecimento de educação ou de ensino, ou se tal não for comprovadamente possível, no próprio dia, por participação oral, que deve ser reduzida a escrito no dia em que o docente regressar ao serviço, sem prejuízo do disposto no nº11 do artigo 94º.
4. As faltas a tempos lectivos por conta do período de férias são computadas nos termos previstos no artigo 94º, até ao limite de três dias, a partir do qual são consideradas faltas a um dia.

Artigo 103º

(Revogado)

SECÇÃO IV
LICENÇAS

Artigo 108º

Licença sabática

1. Ao docente nomeado definitivamente em lugar do quadro, com avaliação de desempenho igual ou superior a Bom e, pelo menos, oito anos de tempo de serviço ininterrupto no exercício efectivo de funções docentes, pode ser concedida licença sabática, pelo período de um ano escolar, nas condições a fixar por despacho do Ministro da Educação.
2. A licença sabática corresponde à dispensa da actividade docente, destinando-se à formação contínua, à frequência de cursos especializados ou para a realização de investigação aplicada que sejam incompatíveis com a manutenção de desempenho de serviço docente.
3. A licença sabática pode ser concedida até o docente completar 60 anos de idade.

Artigo 109º

Dispensas para formação

1. Ao pessoal docente podem ser concedidas dispensas de serviço docente para participação em actividades de formação destinadas à respectiva actualização, nas condições a regulamentar por despacho do Ministro da Educação, com as especialidades previstas nos números seguintes.
2. As dispensas para formação da iniciativa de serviços centrais, regionais ou do agrupamento de escolas ou escola não agrupada a que o docente pertence são concedidas preferencialmente na componente não lectiva do horário do docente.
3. A formação de iniciativa do docente só pode ser autorizada durante os períodos de interrupção da actividade lectiva, excepto para os educadores de infância que poderão realizá-la nos períodos destinados ao exercício da componente não lectiva, quando for comprovadamente inviável a utilização das interrupções lectivas.

4. A dispensa a que se refere o presente artigo não pode exceder, por ano escolar, 5 dias úteis seguidos ou 8 interpolados.

Artigo 110º

Equiparação a bolseiro

1. A concessão da equiparação a bolseiro ao pessoal docente rege-se pelo disposto nos Decretos-Lei n.ºs 272/88, de 3 de Agosto e 282/89, de 23 de Agosto, com as especialidades constantes de despacho do Ministro da Educação.

2. O período máximo pelo qual for concedida a equiparação a bolseiro, incluindo a autorizada a tempo parcial, é deduzido em 50% na redução de tempo de serviço prevista no artigo 54º.

3. A concessão de equiparação a bolseiro não pode anteceder ou suceder à licença sabática sem que decorra um período mínimo de dois anos escolares de intervalo.

4. O docente que tiver beneficiado do estatuto de equiparado a bolseiro é obrigado a prestar a sua actividade efectiva no Ministério da Educação pelo número de anos correspondente à totalidade do período de equiparação que lhe foi concedido.

5. O não cumprimento do estabelecido no número anterior retira a possibilidade de concessão de nova equiparação e obriga à reposição de todos os vencimentos percebidos pelo docente durante o período em que beneficiou desta condição.

Artigo 111º

Acumulações

1. Aos docentes integrados na carreira é permitida a acumulação do exercício de funções docentes em estabelecimentos de educação ou de ensino com:

- a) Actividades de carácter ocasional que possam ser consideradas como complemento da actividade docente;
- b) O exercício de funções docentes ou de formação em outros estabelecimentos de educação ou de ensino.

2. Consideram-se impossibilitados de acumular outras funções os docentes que se encontrem em qualquer das seguintes situações:

- a) Em situação de licença sabática ou de equiparação a bolsheiro;
- b) Nas situações a que se refere o nº5 do artigo 48º
- c) Em período probatório.

3. O regime de acumulação a que se referem os números anteriores é igualmente aplicável aos docentes em regime de contrato e horário completo.

4. Por portaria conjunta do Ministro da Educação e do membro do Governo responsável pela Administração Pública são fixados os termos e as condições em que é permitida a acumulação referida nos números anteriores.

5. Em tudo o que não se encontrar especialmente previsto no presente diploma é aplicável o regime geral de acumulações e incompatibilidades dos funcionários e agentes da Administração Pública.

Artigo 122º
(Revogado)

Artigo 125º
(Revogado)

Artigo 130º
(Revogado)

Artigo 131º
(Revogado)

Artigo 132º

Contagem do tempo de serviço

1. Sem prejuízo do disposto nos nºs 3 e 4, a contagem do tempo de serviço do pessoal docente, incluindo o prestado em regime de tempo parcial, considerado para efeitos de antiguidade, obedece às regras gerais aplicáveis aos restantes funcionários públicos da Administração Pública.

2. (Revogado).

3. A contagem do tempo de serviço para efeitos de progressão e acesso na carreira

docente obedece ainda ao disposto nos artigos 37º, 38º, 39º e 54º, todos do presente Estatuto.

4. A contagem do tempo de serviço do pessoal docente é feita por ano escolar.

Artigo 133º

Docentes dos ensinos particular e cooperativo

1. O ingresso na carreira dos docentes oriundos do ensino particular e cooperativo efectua-se, para o escalão da categoria de professor que lhes competiria caso tivessem ingressado nas escolas da rede pública, desde que verificados os requisitos de tempo de serviço, avaliação e formação contínua necessários à progressão, nos termos do presente Estatuto.

2. O período probatório realizado no ensino particular e cooperativo é válido para efeitos de provimento definitivo na carreira docente quando realizado mediante acreditação do Ministério da Educação.

Artigo 134º

(Revogado)

Artigo 135º

(Revogado)

Artigo 3º

Aditamento ao Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário

São aditados ao Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 139-A/90, de 28 de Abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 105/97, de 29 de Abril, pelo Decreto-Lei n.º 1/98, de 2 de Janeiro, pelo Decreto-Lei n.º 121/2005, de 26 de Julho e pelo Decreto-Lei n.º 229/2005, de 29 de Dezembro, os artigos 10º-A, 10º-B e 10º-C, bem como as tabelas remuneratórias constantes dos Anexos I e II ao presente diploma e que dele fazem parte integrante.

Artigo 10º – A

Deveres para com os alunos

Constituem deveres específicos dos docentes relativamente aos seus alunos:

- a) Respeitar a dignidade pessoal e as diferenças culturais e pessoais dos alunos e demais membros da comunidade educativa, valorizando os diferentes saberes e culturas, prevenindo processos de exclusão e discriminação;
- b) Promover a formação e realização integral dos alunos, estimulando o desenvolvimento das suas capacidades, estimulando a sua autonomia e criatividade, e incentivando a formação de cidadãos activos, responsáveis e participativos;
- c) Promover o desenvolvimento do rendimento escolar dos alunos e a qualidade das aprendizagens, de acordo com os respectivos programas curriculares e atendendo à diversidade dos seus conhecimentos e aptidões;
- d) Organizar e gerir o processo ensino-aprendizagem, adoptando estratégias de diferenciação pedagógica susceptíveis de responder às necessidades individuais dos alunos;
- e) Assegurar o cumprimento das actividades lectivas correspondentes à totalidade das exigências do *currículo* nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares em vigor;
- f) Adequar os instrumentos de avaliação às exigências do *currículo* nacional, dos programas e das orientações programáticas ou curriculares e adoptar critérios de rigor, isenção e objectividade na sua correcção e classificação;
- g) Manter a disciplina e exercer a autoridade pedagógica com rigor, equidade e isenção;
- h) Salvaguardar e promover o bem-estar de todos os alunos, protegendo-os de quaisquer situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar;
- i) Colaborar na prevenção e detecção de situações de risco social, se necessário participando-as às entidades competentes;
- j) Respeitar a natureza confidencial da informação relativa aos alunos e respectivas famílias.

Artigo 10º – B

Deveres para com a escola e os outros docentes

Constituem deveres específicos dos docentes para com a escola e outros docentes:

- a) Colaborar na organização da escola, cooperando com os órgãos de direcção executiva e as estruturas de gestão pedagógica e com o restante pessoal docente e não docente tendo em vista o seu bom funcionamento e o cumprimento integral das actividades lectivas;
- b) Cumprir os regulamentos, desenvolver e executar os projectos educativos e planos de actividades e observar as orientações dos órgãos de direcção executiva e das estruturas gestão pedagógica da escola;
- c) Co-responsabilizar-se pela preservação e uso adequado das instalações e equipamentos e propor medidas de melhoramento e remodelação;
- d) Promover o bom relacionamento e a cooperação entre todos os docentes, dando especial atenção aos que se encontram em início de carreira ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional;
- e) Partilhar com os outros docentes a informação, os recursos didácticos e os métodos pedagógicos, no sentido de difundir as boas práticas e de aconselhar aqueles que se encontrem em início de carreira ou em formação ou que denotem dificuldades no seu exercício profissional;

- f) Reflectir, nas várias estruturas pedagógicas, sobre o trabalho realizado individual e colectivamente, tendo em vista melhorar as práticas e contribuir para o sucesso educativo dos alunos;
- g) Cooperar com os outros docentes na avaliação do seu desempenho;
- h) Defender e promover o bem-estar de todos os docentes, protegendo-os de quaisquer situações de violência física ou psicológica, se necessário solicitando a intervenção de pessoas e entidades alheias à instituição escolar.

Artigo 10º – C

Deveres para com os pais e encarregados de educação

Constituem deveres específicos dos docentes para com os pais e encarregados de educação dos alunos:

- a) Respeitar a autoridade legal dos pais ou encarregados de educação, estabelecendo com eles uma relação de diálogo e cooperação, no quadro da partilha da responsabilidade pela educação e formação integral dos alunos;
- b) Promover a participação activa dos pais ou encarregados de educação na educação escolar dos alunos, no sentido de garantir a sua efectiva colaboração no processo de aprendizagem.;
- c) Promover a participação dos pais ou encarregados de educação na actividade da escola, no sentido de criar condições para a integração bem sucedida de todos os alunos;
- d) Facultar regularmente aos pais ou encarregados de educação a informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e o percurso escolar dos filhos, bem como sobre quaisquer outros elementos relevantes para a sua educação;
- e) Promover acções específicas de formação ou informação para os pais ou encarregados de educação que contribuam para a sua participação na escola e para que possam prestar um apoio mais adequado aos alunos.

Artigo 4º

Alteração ao Regime Jurídico da Formação Continua

Os artigos 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 9.º, 13.º, 14.º, 15.º, 27.º, e 33.º do Regime Jurídico da Formação Contínua de Professores, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro, com as alterações que lhe foram introduzidas pela Lei n.º 60/93, de 20 de Agosto, pelo Decreto-Lei n.º 274/94, de 28 de Outubro, pelo Decreto-Lei n.º 207/96, de 2 de Novembro e ainda pelo Decreto-Lei n.º 155/99, de 10 de Maio, passam a ter a seguinte redacção:

“Artigo 4º

Princípios

.....

- a)

- b)
- c)
- d) Adequação às necessidades do sistema educativo, das escolas e dos docentes;
- e)
- f)
- g)
- h)
- i)

Artigo 5º

Efeitos

1. As acções de formação contínua relevam para efeitos de apreciação curricular e para a progressão na carreira docente, desde que concluídas com aproveitamento.
2.

Artigo 6º

Áreas de formação

As acções de formação contínua incidem sobre:

- a)
- b)
- c)
- d) (Revogado).

Artigo 7º

Modalidades de acções de formação contínua

1.
 - a)
 - b)
 - c) Frequência, com aproveitamento, de disciplinas singulares em instituições de ensino superior;
 - d)
 - e)
 - f)
 - g)
 - h)
2.

Artigo 9º

Comunicação e desenvolvimento

1.
2.
3. A formação adquirida é registada no processo individual do docente mediante a entrega nos serviços administrativos da escola do respectivo documento certificativo.
4. (Anterior nº 3).

Artigo 13º

Certificação das acções de formação

1.
2. Não podem ser objecto de certificação as acções nas quais a participação do formando não tenha correspondido à totalidade da respectiva duração.
3. Dos certificados de formação devem constar os seguintes elementos:
 - a) Data;
 - b) Designação;
 - c) Duração;
 - d) Modalidade da acção de formação realizada e o resultado obtido;
 - e) Identificação do formando, do formador e da respectiva entidade formadora.
4.
5. (Revogado).

Artigo 14º

Crédito de formação

1.
2. Só podem ser creditadas as acções de formação realizadas com avaliação e que estejam directamente relacionadas com a área científico-didáctica que o docente lecciona,

bem como as relacionadas com as necessidades de funcionamento do agrupamento de escolas ou escola não agrupada definidas no respectivo projecto educativo ou plano de actividades.

3. Das acções de formação contínua a frequentar pelos docentes passíveis de ser creditadas, pelo menos dois terços devem sê-lo, obrigatoriamente, na área científico-didáctica que o docente lecciona.

Artigo 15º
Entidades formadoras

1.
 - a)
 - b)
 - c)
2. (Revogado).
3.
4.
5.
6.

Artigo 27º
Estatuto do director

1. O director do centro é obrigatoriamente um professor titular.
2.
3.
4. (Revogado)

5.

Artigo 27º - A
(Revogado)

Artigo 33º
Direitos dos formandos

-
- a) Sem prejuízo do cumprimento dos programas ou prioridades definidos pelos serviços centrais ou regionais do Ministério da Educação ou pelo agrupamento de escolas ou escola não agrupada, escolher as acções de formação que mais se adequem ao seu plano de desenvolvimento profissional;
 - b)
 - c)
 - d) Contabilizar créditos das acções de formação em que participe, nos termos legais;
 - e) Beneficiar, nos termos da legislação em vigor, de dispensas de serviço não lectivo para efeitos da frequência de acções de formação contínua;
 - f)

CAPÍTULO II
DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS E FINAIS

Artigo 5º
Cargos de coordenação científico-pedagógica

1. Sem prejuízo de outras funções próprias nas estruturas de orientação educativa previstas no Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, e ainda das actividades de coordenação estabelecidas no regulamento interno da escola, são assegurados por professor titular pertencente à escola, preferencialmente com formação especializada nos domínios da organização e desenvolvimento curricular, supervisão pedagógica e formação de formadores e orientação educativa, os cargos de:

- a) Coordenação do departamento curricular ou do conselho de docentes, consoante se trate, respectivamente, de escolas com 2º e 3º ciclos do ensino básico e ensino secundário, de estabelecimentos com educação pré-escolar ou com 1º ciclo do ensino básico;
- b) Coordenação pedagógica do ciclo, ano ou curso.

2. Sem prejuízo das competências estabelecidas no Decreto Regulamentar nº 10/99, de 21 de Julho, incumbe ao coordenador do departamento curricular ou do conselho de docentes, as tarefas de:

- a) Coordenação da prática científico-pedagógica dos docentes das disciplinas, áreas disciplinares ou nível de ensino, consoante os casos;
- b) Acompanhamento e orientação da actividade profissional dos professores da disciplina ou área disciplinar, especialmente no período probatório;
- c) Intervenção no processo de avaliação do desempenho dos docentes das disciplinas, área disciplinares ou nível de ensino;
- d) Participação nos júris dos concursos de acesso na carreira.

3. Os docentes que se encontrem a exercer os cargos ou funções de coordenação a que se refere o presente artigo mantêm-se em funções enquanto não for provido pelo menos um lugar da categoria de professor titular do respectivo quadro e grupo de recrutamento.

Artigo 6º

Transição de quadro de escola para quadro de agrupamento

1. Até à definição dos quadros de agrupamento previstos no artigo 26º do Estatuto da Carreira Docente, mantêm-se os quadros actualmente existentes nos estabelecimentos de educação ou de ensino.

2. Até ao preenchimento dos lugares dos quadros de agrupamento referidos no número anterior mantêm-se a situação jurídico-funcional dos docentes providos em lugar dos quadros.

3. A definição dos quadros de agrupamento e a regulamentação do processo de preenchimento dos correspondentes lugares constam de portaria a aprovar pelo Ministro da Educação.

Artigo 7º

Profissionalização em serviço

1. A profissionalização em serviço dos docentes abrangidos pelo artigo 63º do Decreto-lei nº 20/2006, de 31 de Janeiro, e dos que se encontrem a realizar a profissionalização à data da entrada em vigor deste diploma decorre nos termos previstos no Decreto-Lei nº 287/88, de 19 de Agosto.

2. A profissionalização em exercício prevista no número anterior deve estar concluída no prazo máximo de um ano de serviço.
3. A nomeação provisória dos docentes em situação de pré-carreira, nos termos do artigo 6º do Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, converte-se em nomeação definitiva no início do ano escolar subsequente à conclusão da profissionalização.
4. Os docentes que se encontrem em situação de suspensão prevista no artigo 15º do Decreto-Lei nº 287/88, de 19 de Agosto, ou os que não a puderem iniciar ou realizar nos termos do nº2 do artigo 63º do Decreto-Lei nº 20/2006 são integrados no modelo de qualificação pedagógica previsto.
5. Para efeito do número anterior considera-se que os docentes referidos no número anterior terminaram a sua profissionalização na data em que a teriam concluído se não se tivessem verificado as referidas situações e se tivessem demorado exactamente o mesmo tempo em profissionalização.

Artigo 8º

Transição da carreira docente

1. Os docentes que à data da entrada em vigor do presente diploma se encontram posicionados nos 8º, 9º e 10º escalão da carreira docente prevista no Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, transitam para a nova estrutura da carreira na situação de equiparado a professor titular e no escalão desta categoria a que corresponda índice remuneratório igual ao actualmente auferido.
2. A equiparação a professor titular é válida exclusivamente para integração no escalões remuneratórios da categoria de professor titular, não sendo aplicáveis as correspondentes regras de progressão enquanto se mantiver tal equiparação.
3. Os docentes abrangidos pelo nº1 que pretendam candidatar-se à categoria de professor titular da nova carreira docente devem preencher os requisitos de acesso à mesma categoria previstos no Estatuto da Carreira Docente, sem prejuízo do disposto no artigo 9º do presente diploma.
4. Os docentes actualmente posicionados nos 1º e 2º escalões mantêm-se na estrutura e escala indiciária aprovada pelo Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, até perfazerem, no

seu cômputo global, cinco anos de permanência na carreira, após o que transitam para o escalão 1 da nova categoria de professor.

5. Os docentes posicionados no 3.º escalão mantêm-se na estrutura e escala indiciária aprovada pelo Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, até perfazerem o módulo de tempo de serviço necessário para a progressão ao 4.º escalão, após o que transitam para o escalão 1 da nova categoria de professor.

6. Os docentes actualmente posicionados no 1.º e 2.º níveis remuneratórios do 7.º escalão mantêm-se na estrutura e escala indiciária aprovada pelo Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, aplicando-se-lhes as regras previstas nas alíneas a) e b) do n.º 1 do artigo 15.º até se integrarem na estrutura da nova carreira no escalão 4 da categoria de professor.

7. Os docentes do nível de qualificação 2 a que se refere o artigo 16.º do Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, mantêm os índices e a progressão previstos no mesmo diploma.

8. Os docentes que se encontram a realizar a profissionalização em exercício à data da publicação do presente diploma passam a estar abrangidos pelos índices constantes do Anexo II ao presente diploma.

9. Os docentes profissionalizados a que se refere o artigo 14.º do Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, mantêm os respectivos índices enquanto se mantiverem em situação de nomeação provisória.

10. Os docentes que à data da entrada em vigor do presente diploma não sejam abrangidos pelos números anteriores transitam para a nova estrutura da carreira na categoria de professor e para o escalão a que corresponda índice igual ou imediatamente superior àquele em que se encontrem posicionados.

11. Da transição a que se referem os números anteriores não pode decorrer, em caso algum, diminuição do valor da remuneração base que o docente auferia à data da entrada em vigor do presente diploma.

12. A transição para a nova categoria e escalão efectua-se sem quaisquer formalidades, para além da elaboração, pelo estabelecimento escolar, de uma lista nominativa de transição para as novas categorias a afixar em local apropriado que possibilite a sua consulta pelos interessados.

13. A primeira progressão dos docentes abrangidos pelo nº1, nos escalões da categoria de professor titular, fica condicionada ao seu provimento, precedendo concurso de acesso, nesta categoria.

14. O tempo de serviço prestado como equiparado a professor titular conta como tempo de serviço efectivo no escalão em que forem providos, precedendo concurso, na categoria de professor titular.

Artigo 9º

Regime transitório de acesso

1. Ao primeiro concurso de acesso aberto após a entrada em vigor do presente decreto-lei, para a categoria de professor titular, apenas podem ser opositores os docentes integrados na carreira que preencham cumulativamente os seguintes requisitos:

- a) Pertencam ao quadro da escola ou de agrupamento ou estejam afectos à mesma;
- b) Estejam colocados na situação de equiparado a professor titular;
- c) Sejam titulares do grau académico de licenciatura;
- d) Tenham desempenhado actividade lectiva efectiva em pelo menos quatro dos últimos seis anos escolares, excepto quando tenham exercido o cargo de presidente da direcção executiva da escola
- e) Não estejam ou não tenham estado nos últimos seis anos escolares na situação de dispensa total ou parcial da componente lectiva nos termos do artigo 81º do Estatuto da Carreira Docente.
- f) Não estejam ou não tenham estado na situação de ausência de componente lectiva atribuída.
- g) Não tenham dado mais de 7 % de dias de falta ao serviço em média nos últimos seis escolares;
- h) Não tenham sido punidos disciplinarmente nos últimos seis anos escolares.

2. No concurso a que se refere o número anterior, é utilizado como método de selecção a análise curricular, nos termos a fixar em diploma próprio, ponderados os seguintes factores:

- a) Assiduidade;
- b) Formação especializada;
- c) Desempenho de cargos de coordenação e supervisão pedagógica;
- d) Exercício de funções nos órgãos de gestão e administração da escola.

Artigo 10º

Regime transitório de avaliação do desempenho

1. A avaliação de desempenho do pessoal docente que venha a completar, até 31 de Agosto de 2007, os módulos de tempo de serviço para progressão nos termos do Estatuto

da Carreira Docente, na redacção introduzida pelo presente diploma, efectua-se, no que se refere ao ano escolar de 2006/2007, nos termos do Decreto Regulamentar nº 11/98, de 15 de Maio, com as seguintes adaptações:

- a) A apresentação ao órgão de direcção executiva da escola, do documento de reflexão crítica sobre a actividade desenvolvida é substituída pela entrega, ao mesmo órgão, da ficha de auto-avaliação a que se refere o nº3 do artigo 45º do Estatuto da Carreira Docente;
- b) Apreciada a ficha de auto-avaliação, o órgão de direcção executiva da escola, ouvido o conselho pedagógico, procede à avaliação do desempenho do docente, através do preenchimento da ficha de avaliação a que se refere o nº4 do artigo 45º do Estatuto da Carreira Docente;

2. A avaliação do desempenho realizada nos termos do número anterior abrange ainda todo o serviço prestado e não avaliado no ano escolar de 2005/2006.

3. Para os docentes que não estejam nas condições previstas no n.º 1, a primeira progressão na estrutura da carreira fica condicionada à aplicação do novo regime de avaliação do desempenho constante do Estatuto da Carreira Docente, sem prejuízo de serem consideradas as classificações atribuídas nos anos anteriores desde que necessárias para completar os módulos de tempo de serviço respectivos.

4. Para os efeitos do número anterior, a avaliação de desempenho pode incidir sobre um módulo de tempo de serviço inferior a dois anos.

5. Na situação em que seja necessário ter em conta a avaliação do desempenho efectuada nos termos do Decreto Regulamentar nº 11/98, de 15 de Maio, devem ser consideradas as menções qualitativas de acordo com a seguinte tabela de equivalência:

- a) À menção de Não Satisfaz ou equivalente corresponde a menção qualitativa de Insuficiente;
- b) Às menções de Satisfaz e de Bom corresponde a menção qualitativa de Bom.

Artigo 11º

Aquisição de outras habilitações e capacitações

Os docentes profissionalizados integrados na carreira que até 31 de Julho de 2007 concluírem com aproveitamento o ciclo de estudos conducente ao grau de mestre a que se refere o artigo 54º, do Estatuto da Carreira Docente, na redacção dada pelo Decreto-Lei nº 1/98, de -----, beneficiam de dois anos de redução do tempo de serviço para efeitos de acesso na estrutura da nova carreira.

Artigo 12º
Prémio de desempenho

A contagem do tempo de serviço docente para efeito de atribuição do primeiro prémio de desempenho inicia-se a partir do ano escolar de 2007/2008, inclusive.

Artigo 13º
Docentes profissionalizados com bacharelato

As disposições constantes do presente Estatuto, bem como os efeitos delas decorrentes, previstas para os docentes portadores de habilitação profissional, são igualmente aplicáveis a todos os docentes profissionalizados integrados na carreira com o grau de bacharel ou equivalente, bem como os docentes dispensados da profissionalização, com exceção do regime de acesso à categoria de professor titular previsto no presente Decreto-Lei.

Artigo 14º
Regulamentação

Os diplomas regulamentares necessários à execução do presente diploma são aprovados e publicados em Diário da República no prazo máximo de 180 dias a contar da publicação deste último.

Artigo 15º
Norma revogatória

São revogados:

- a) O Mapa II anexo ao Decreto-Lei nº 57/2004, de 19 de Março, na parte que respeita aos docentes da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário;
- b) O Decreto-Lei nº 312/99, de 10 de Agosto, alterado pelo Decreto-Lei nº 54/2003, de 28 de Abril, sem prejuízo do disposto no artigo 8º;
- c) O artigo 14º do Decreto-Lei nº 384/93, de 18 de Novembro, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Lei nº 16/96, de 8 de Março e 15-A/99, de 19 de Janeiro;
- d) Os artigos 30º, 32º, 55º, 58º, 63º, 73º, 81º, 103º, 122º, 123º, 124º, 125º, 126º, 128º, 130º, 131º e 134º, todos do Estatuto dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei nº 139-A/90, de 28 de Abril; sem prejuízo do disposto nos artigos 10º e 11º;
- e) O Decreto-Lei nº 232/87, de 11 de Junho;
- f) Os nºs 2 e 3 do artigo 4º do Decreto Regulamentar nº 29/92, de 9 de Novembro.

Artigo 16º
Entrada em vigor

1. O presente decreto-lei entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2. As alterações aos artigos 22º, 39º e 41º, todos do Estatuto da Carreira dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, entram em vigor com a publicação dos diplomas regulamentares que se encontram previstos na nova redacção do nº 8 do artigo 22º, do nº 6 do artigo 38º e do nº 4 do artigo 40º daquele diploma.

Artigo 17º
Revisão

O presente decreto-lei é objecto de revisão na sequência da nova legislação sobre sistemas de vínculos, carreiras e remunerações da função pública.

Artigo 18º
Republicação

O Estatuto dos Educadores de Infância e dos Professores dos Ensinos Básico e Secundário, aprovado pelo Decreto-Lei nº 139-A/90, de 28 de Abril, alterado pelos Decretos-Lei nºs 105/97, de 29 de Abril, 1/98, de 2 de Janeiro, 35/2003, de 17 de Fevereiro e 121/2005, de 26 de Julho, com as alterações e aditamentos introduzidos pelo presente decreto-lei, é republicado na sua totalidade no Anexo III.

ANEXO I

TABELA A QUE SE REFERE O Nº 1 DO ARTIGO 59º DO ECD

| CATEGORIAS PROFISSIONAIS | 1º | 2º | 3º | 4º |
|-------------------------------------|-----|-----|-----|-----|
| Professor Titular | 245 | 299 | 340 | |
| Professor | 167 | 188 | 205 | 235 |

ANEXO II

**Índices dos professores em profissionalização
a que se refere o nº5 do artigo 8º (disposição transitória)**

| | |
|---|-----|
| Com habilitação própria que confere licenciatura, com mais de seis anos de tempo de serviço ou de grupos carenciados ou para aos quais não exista formação inicial qualificante | 136 |
|---|-----|

| | |
|--|----|
| Com habilitação própria que confere bacharelato, com mais de seis anos de tempo de serviço ou de grupos carenciados ou para aos quais não exista formação inicial qualificante | 97 |
|--|----|